

ARGUMENTO

Tínhamos um pássaro na cabeça
um líquido punhal
ou uma concha obscura
no vaivém esquecido da cintura

As maçãs desse inverno
tornavam mais profundos
os tabuleiros da memória
as gavetas da casa onde sabíamos
que um dia iríamos morrer antes do dia

Então pegámos nos sacos e partimos
para que o regresso abrisse
a casa amada ao esplendor
do tempo entreaberto
ou a surdez das nossas veias
ao segredo das águas insurrectas

Por vezes éramos
cães cegos de tão jovens
no limiar da morte naufragados
ao sabor das ilhas da manhã
nas ondas da floresta vagabunda
onde renascemos ou dormimos
à volta da fogueira
com os lobos da berma do caminho

— E não voltámos nunca
em busca de outro regresso mais perfeito

A QUE SE CALA

Entre dois dias tu és a que se cala
no silêncio das mãos sonhando a minha voz
e a distância do tempo enquanto o tempo
transborda o mundo e o mundo fica só

Viver é morrer sem fim enquanto nascas
Mas o regresso encontra intacta a despedida
e intacta e branca o tempo enquanto passa
a noite que o transborda entre dois dias.

“Primeiro houve o mar...”

Primeiro houve o mar e somente o espanto
as palavras amada e o silêncio
iguais por sabermos ter partido tanto

Houve a infância que nunca foi memória
destruindo todo o tempo para ser
e a primeira morte do mundo nos teus olhos
para sempre diferentes de si mesmos

APÓS O MAR

Perdeu-se após o mar a nostalgia
de sermos pelo menos na hora do desastre
um voo de marinheiros caindo ainda
vencidos e longínquos — como o dia
sobre o rasto vermelho das amadas

E mesmo onde te encontro a despedida
corta as minhas mãos abertas pelas tuas
Passam as aves e passada a minha vida
procura o chão ardente da cidade
onde eu possa ser contigo as mesmas ruas

Entretanto esperamos apenas — árvores tristes
divididos um pouco mais a cada encontro
Eu parto e digo-te à partida amada que resistas
decegado sobre a terra e sobre ti
terra que deceparam do meu sangue

Mas a esperança que nos vem dentro do vento
desperta a voz da morte no regresso
Por isso somos hoje tão sábios e tão lentos
que as gaiivotas nos poisam na cabeça

FRAGMENTO

O ar da tarde esperava por que o fosse
o voo que antes de ser será perdido
e o primeiro pássaro ergue-se de novo
em busca do voo do ar por que foi sido